



VIDEODANÇA **na escola**



VIDEODANÇA

na escola

ESTE PROJETO ACONTECEU PELA VONTADE DE INVESTIGAR E INVENTAR.

OS ALUNOS DE DUAS TURMAS DE QUINTOS ANOS E UMA ARTISTA-DOCENTE, EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DE CAMPINAS (SÃO PAULO), A EMEFEI "PADRE FRANCISCO SILVA", LOCALIZADA NA VILA CASTELO BRANCO, PERIFERIA DA CIDADE, QUERENDO DESCOBRIR POTÊNCIAS DA DANÇA,

Para construção de saberes sensíveis
Para expansão das capacidades corporais e criativas
Para descobrir a escola e o entorno
Para descobrir brincadeiras com o tempo, o espaço, com o corpo, com o outro e com a arte.

DESENVOLVERAM PROCESSOS CRIATIVOS EM UMA COISA NOVA PARA TODOS, A VIDEODANÇA.

A videodança é compreendida como expressão artística híbrida que se origina das relações entre dança e audiovisual (linguagem cinematográfica, televisiva e tecnologias digitais).

Em outras palavras, ou numas palavras recolhidas das conversas com as crianças, a videodança é uma dança que não existe fora do vídeo, assim como o vídeo precisa daquela dança pra ser.

olhar da professora

Eu sou Ana Carolina de Araújo, bacharela em Dança, licenciada em Arte e mestra em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atuo como artista-docente e bailarina, em grupos independentes da região de Campinas (SP)

Saí da universidade e ingressei como professora de arte no ensino fundamental da Secretaria Municipal de Ensino de Campinas. Leciono, desde 2015, em escolas de educação integral, um projeto que existe desde 2014, que hoje é composto por 8 unidades escolares.

O objetivo deste projeto, que também constituiu-se como minha pesquisa de mestrado - **em algumas de suas diversas dimensões** - era promover experiências de construção de saberes sensíveis, através da fruição de arte, e da realização de processos criativos em videodança, pelas crianças na escola.

A escolha pela **videodança** surgiu a partir da soma de interesses meus e dos alunos em pesquisar relações entre tecnologias digitais e a arte (especificamente a dança, porém tangenciando outras linguagens artísticas, como música, cinema, artes visuais e até a arquitetura).

Meus alunos ficaram muito animados, especialmente pela possibilidade de estudar com seus próprios celulares. A partir de então, trabalhamos a videodança e nos apropriamos de todas as etapas de um processo criativo.

- Entendendo videodança como expressão artística;
- Experimentando como se estrutura o movimento dançante na perspectiva da dança contemporânea;
- Praticando e brincando com os elementos estruturantes da linguagem cinematográfica;

**composição coreográfica,
locação e figurino,
filmagem,
processos de edição e montagem,
criação de trilha sonora**

- Realizando o processo criativo de forma coletiva e com autonomia pelas crianças; Entendendo a escola como lugar para criação, experimentação e subversão da ordem já conhecida;
- Compartilhando as produções com a comunidade escolar

Foram cerca de 20 encontros, divididos nas diversas etapas e conduzidos a partir de proposições que possibilitavam investigações sobre a dança, o olho da câmera, os espaços e os tempos, buscando novas formas de dançar, novas formas de olhar (dança, os espaços, os corpos), novas formas de investigar, descobrir e criar espaços.

O olho da câmera (dos celulares dos alunos) virava um espectador, um espaço para dançar, o lente de um detetive que procura um lugar ainda não descoberto e ressignifica os espaços ocupados diariamente na escola.



Foto: frame da videodança **Aventura n.6**

sobre imagens das crianças

O projeto narrado aqui, do meu ponto de vista de professora e entusiasta, foi desenvolvido entre os meses de setembro a dezembro de 2018 e tudo tem a ver com

tempos e espaços

Eram sempre 2 encontros semanais com cada turma que somavam 5 horas-aula (hora-aula com 50 minutos).

Esta composição do tempo é característica específica das escolas de educação integral de Campinas, que tem como princípio balizador a expansão de tempos e espaços para a aprendizagem e socialização dos múltiplos saberes construídos pelo homem, de acordo com publicação em Diário Oficial (CAMPINAS, 2014) e cuja matriz curricular prima pela não-hierarquização dos componentes curriculares, que apresentam todos a mesma quantidade de horas-aula. Para os anos iniciais do Ensino Fundamental, são 5 aulas por componente.

Com mais tempo para as aulas de Arte, ampliam-se as oportunidades para o desenvolvimento da sensibilidade.

E quanto aos espaços? Os nossos encontros aconteciam em diversos espaços da escola: sala de música, sala de vídeo, pátio, quiosque, bosque, parque, arquibancada, palcos, quadra, árvores, brechas, muros e paredes, chão, corredores, cadeiras e bancos. Começávamos em um ponto e extrapolávamos para outro e outros.

Como professora, assumi o compromisso de realizar uma prática artístico-pedagógica voltada para o desenvolvimento sensível, crítico e ético dos educandos, e tal motivação depende de ação, de movimento. E isso a dança vem me ensinado durante toda a minha interminável formação. "Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu **mover-me** no mundo" (FREIRE, 1996, p.19).

Tempos, espaços e movimento, elementos determinantes do nosso trabalho na escola, também são elementos essenciais para a que a videodança exista, pois ela se trata exatamente da sua manipulação, transgressão, repetição, destruição. A videodança possibilita tempos e espaços novos a quem a experimenta corporalmente, seja como espectador ou criador. Eu, enquanto professora buscava articular aspectos técnicos da dança e do vídeo, realizando um cruzamento com referências artísticas e do repertório de imagens dos alunos e descobrindo relações com os textos.

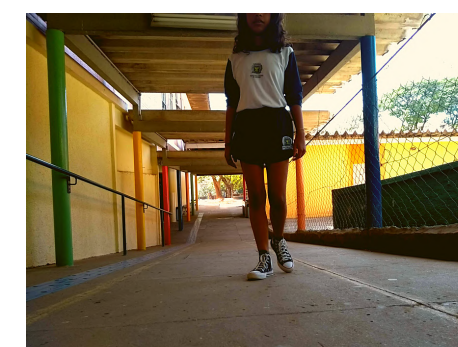
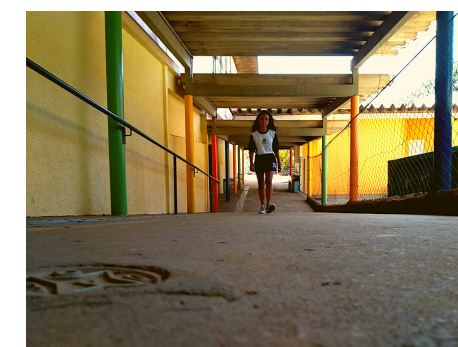
O projeto a que diz respeito este portfólio "**Videodança na escola**" é sobre a a criação da série de videodanças "**Aventuras de Marcovaldo**" mas começa no dia em que o Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, pega fogo. Ele é o ponto inicial, e por isso, está na próxima página.

Somos seres situados. Em tempos e espaços, fatores que constantemente atuam na nossa formação identitária.

As imagens - fotos e vídeos, captam momentos destes contextos em que vivemos, em seu conteúdo e na forma como são produzidas. O reconhecimento das crianças nas imagens - de si, dos outros, dos lugares que ocupam e da forma como o fazem contribuem para a percepção de possíveis relações e ações sobre este contexto.

O reconhecimento de que elas próprias são autoras dessas imagens contribui para a construção da percepção de que o EU SUJEITO, que aqui é o autor de imagens, também é autor e responsável pelo que acontecem nelas, ou por torná-las visíveis.

Este portfólio versa sobre a autoria das crianças e conta com lindas imagens produzidas por elas - todas as imagens são frames de seus vídeos, com exceção das imagens nas páginas 9, 18 e 19, registros realizados por mim.



O incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro de 2018 marcou os meus alunos.

Na segunda-feira, dia seguinte ao início do incêndio, algumas crianças trouxeram o acontecido para a aula de arte. Antes disso, nenhuma delas tinha consciência da existência deste museu.

Elas me perguntaram: - Foi o museu Catavento (o que visitamos em um estudo do meio) que pegou fogo?

A partir de terça-feira, entretanto, os alunos chegaram com diversas informações obtidas através da televisão e da internet sobre o tipo de perdas que sofremos com o incidente do dia anterior. Os alunos do quarto ano iniciaram uma mobilização, para conscientizarmos outras pessoas que também não conheciam o museu.

A emergência em falar sobre isso tocou as crianças, que tiveram o primeiro contato com o museu através do evento que destruiu grande parte de seu acervo e das próprias dependências. Levei algumas provocações: como recriar em movimento as exposições que não poderão ter novos visitantes? Seria possível trabalhar com videodança a partir deste tema?

Exibi vídeos e fotos do que havia no museu: tours virtuais com guias explicando as diferentes sessões temáticas. Conversamos sobre o acervo, sobre o que significavam todas aquelas perdas, sobre a perda do patrimônio imaterial.

Iniciamos, na sequência, a produção de pequenas videodanças, a partir das exposições que pesquisamos e do que mais lhes tivesse tocado durante nossas discussões.

Nos dias que se seguiram, então, criamos, a partir das seguintes áreas de exposição do museu, eleitas pelas crianças:

- As línguas indígenas registradas que se perderam permanentemente;
- As múmias egípcias;
- A Quinta da Boa Vista, como morada da família imperial, a qual ainda abrigava móveis, documentos, fotografias e memórias da família;
- As coleções de peças de estudos paleontológicos e arqueológico.

O museu nacional

Como todas as nossas propostas e jogos, definimos poucas regras rígidas, prontas para dar possibilidades de livre criação:

- o trabalho deveria ser realizado em grupos, que poderiam escolher na escola a locação para as gravações,
- criaríamos minivideodanças, como chamamos, de um minuto de duração.
- não revelar os rostos das crianças, para que quem quisesse compartilhar não tivesse problema com a imagem das crianças.

(Somente uma das videodanças, a Cultura egípcia, exibia o rosto de uma aluna, cujo pai autorizou previamente)



Fotos: frames da videodança **Cultura egípcia**



Fotos: frames da videodança **Cultura indígena** (esquerda) e **Dinossauros** (abaixo)



Desta forma, os materiais, além de integrar a cena, adquiriam diferentes funcionalidades: tintas e chapéus, compuseram adereços e maquiagens. Folhas de árvore amassadas tornaram-se os pés de um dinossauro se espreitando pela floresta. Garrafa de água que se tornou um filtro, uma lente especial para a câmera.

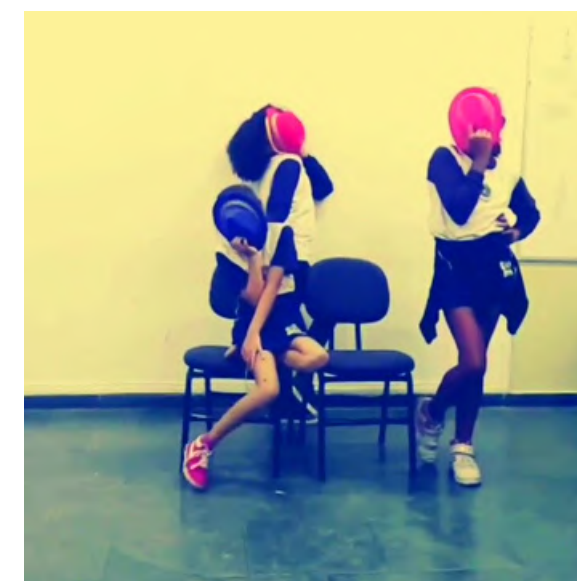
Mexendo no baú de materiais para caracterização, uma aluna encontrou um grande tecido amplo, que lhe coube muito bem para recriar memórias de uma dançarina egípcia. Não apenas como um figurino, mas a manipulação deste material proporcionou a construção de outras corporeidades. Quando assisti ao vídeo original, rememorei por alguns segundos a *Danse Serpentine*, de Loie Fuller, que coincidentemente é uma das artistas de vanguarda da dança que influenciou, décadas depois, a própria videodança (além da iluminação cênica e do cinema).

Tendo realizado as gravações, as crianças me enviaram os vídeos originais e eu me incumbi de realizar a montagem, a partir de induções dos caminhos dos próprios alunos. Sensibilizada pelas imagens produzidas pelos meus alunos, fui impelida à produzir também uma videodança, e escolhi criar sobre ancestralidade. Luzia, fóssil mais antigo da América do Sul, e Luzia, a minha avó. A série **#MuseuNacional** conta então com sete videodanças: **Paleontologia**, **Cultura indígena**, **Cultura egípcia 1 e 2**, **Luzia**, **Dinossauros** e **Retratos da família imperial**.

#MuseuNacional

Fora as regras, tudo seria permitido, materiais e os ambientes internos e externos da escola. O uso de materiais no processo criativo é de grande potência para investigação do movimento e de composições coletivas.

- cadeiras e chapéus para compor a dança dos retratos da família imperial
- árvores para ser ocupadas pelo grupo que quis homenagear as línguas indígenas diversas cujos registros foram perdidos
- equipamento de ginástica artística que se transformou em parte do sarcófago egípcio
- instrumentos musicais para compor a trilha sonora
- garrafa de plástico com água para simular o olhar de um dinossauro, observando uma disputa entre dois outros dinossauros, que lutam.



▶ DÁ O PLAY!



Fotos (na sequência): frames da videodança **Luzia**, **Retratos da família imperial** e **Paleontologia**

Marcovaldo

Em 2018 a escola elegeu como o tema "Eu e a cidade" para o projeto do ano dos quartos e quintos anos. Dentro desta proposta, que se apresentava de forma bem ampla, os professores trabalhavam uma grande diversidade de saberes que poderiam abordar, de diversas formas, as relações de pessoas com cidades.

Com o intuito de aprofundar o estudo da videodança que já estávamos experimentando e pensando cruzamentos com este tema, decidi que a minha proposta de trabalho com os alunos do quinto ano teria como ponto de partida e inspiração alguns contos do livro de Ítalo Calvino, "Marcovaldo ou as estações na cidade". Esta escolha aconteceu por perceber na escrita de Calvino, grande riqueza de imagens, que segundo o próprio autor, um texto escrito, um conto, uma história, foi

"primeiro 'vista' mentalmente pelo diretor, em seguida reconstruída em sua corporeidade num set, para ser finalmente fixada em fotogramas de um filme"
(CALVINO,1990, p. 99)

A narrativa de Calvino conta diversas experiências de Marcovaldo, sua esposa e filhos na cidade, em condições socioeconômicas marginais, em um contexto onde há pouco espaço público para relações de convivência de qualidade e obrigações que ocupam muito tempo. "tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade" (CALVINO, 2007, p.7),

Apesar da dureza da vida na cidade, Calvino sempre apresenta mais do que a explícita cidade real. A cidade desejada, a cidade sentida, a cidade buscada e a cidade que há encoberta. Tantas formas de um lugar nos ofereceu muitas informações para a pergunta que fiz diversas vezes para os meus alunos: **Onde você vê movimento nisso?**

E então começamos

Trabalhamos com quatro contos do livro:

- "Férias num banco de praça"
- "Ar puro"
- "O jardim dos gatos obstinados"
- "O ponto errado"

Quanto tempo tivemos: Foram cerca de 20 encontros.

Onde fizemos: em muitos lugares.

Começamos com **"Férias num banco de praça"**.

No livro, é o segundo conto, tendo grande importância na aproximação entre o leitor, a escrita de Calvino e o mais importante, a pessoa de Marcovaldo e a sua vida na cidade. A sensibilidade, leveza e riqueza de imagens deste conto é importante para o leitor desenvolver empatia com o personagem e sua situação econômica, social e cultural.

Em cada encontro aprofundávamos ora em questões técnicas, ora em estéticas, ora em jogos/ momentos lúdicos de experimentação e sensibilização sobre os temas trazidos a partir da leitura de cada conto. Conversas sobre os processos aconteciam no término de cada proposta. Os alunos experimentaram todas as funções no processo de criação das videodanças, divididos em grupos pequenos.

A seguir, apresento cada etapa do processo criativo, em ordem cronológica e um pouco fora dela.



Foto: preparação corporal com jogos com sombra



Nossos encontros aconteciam com a apresentação da proposta e dos materiais, laboratórios de experimentação e criação, apresentação das criações e análises e discussões do que havia sido produzido.

O conto acontece em uma noite quente de verão. Marcovaldo não consegue dormir na casa abafada e pequena para tantos habitantes. Decide ir dormir no banco da praça, que em sua imaginação seria um atrativo reduto de paz e frescor. Porém, nessa intentada, passa por muitas situações inesperadas.

Diálogos no banco

Na primeira parte do texto, conta-se que Marcovaldo, tendo decidido ir até a praça para dormir no já referido e desejado banco, depara-se com a seguinte situação: um casal de namorados ocupa o banco em uma discussão sem fim.



A partir desta temática, propus para as duas turmas a exploração de um “diálogo corporal” a partir de quatro ações de trocas de lugar, utilizando os bancos compridos da sala: **sair do banco, passar por cima, passar por baixo e deslizar**. Propus que, em tal diálogo, as pessoas pudessem se mover - “falar” - uma de cada vez ou simultaneamente. Os alunos formaram, espontaneamente, grupos de 2 a 6 pessoas de acordo com as suas próprias afinidades. Cada grupo escolheu um lugar na sala e o ocupou, com um dos bancos, compridos, azuis e brancos.

Após as explorações, fizemos as apresentações. Foram percebidas repetições que causavam ritmo, composições criadas por pessoas fazendo movimentos diferentes, pessoas fazendo movimentos sincronizados, gestos cotidianos que se transformavam em coreografias. Grupos que transformaram o banco em ônibus, ponte, grupos que suspendiam o banco do chão.



Em seguida, a proposta era observar. As crianças espectadoras puderam observar que, de pontos de vista diferentes (pois os bancos estavam dispostos em lugares distintos na sala), as danças se tornavam diferentes. Observaram que apesar de cada grupo ter ideias diferentes, de alguma forma elas se conectavam, pois todas partiam das mesmas ações principais - sair, passar por cima, por baixo...

Conversamos que para a criação do vídeo, deveríamos escolher a locação, como filmar... as crianças escolheram: embaixo de uma árvore, como o banco do Marcovaldo. Cada grupo escolheu a sua árvore, na área do campo e do bosque da escola. Cada grupo gravou a sua dança, todos com câmera fixa, mas houve variação no enquadramento conforme as intenções de cada grupo.

Férias num banco de praça



Posições para não dormir

No encontro seguinte continuamos a leitura: o casal sai do banco e Marcovaldo corre, finalmente se deita e se sente muito desconfortável no banco duro, bem mais duro do que o imaginado. A partir desta situação - do desconforto no banco - nosso laboratório foi investigar posições desconfortáveis. Brincamos primeiro de manipular o corpo dos colegas, transformando-os em bonecos articulados, com o desafio de colocá-los em situações bem inusitadas e desconfortáveis para o repouso.

Enquanto as duplas de um grupo faziam, os outros assistiam e depois invertemos. As crianças acharam muita graça em ver as situações em que seus colegas eram colocados, comentando o quanto não eram comuns e que **“um dava nó no corpo do outro”**, como me disse um aluno. Percebi das crianças tranquilidade em tocar ou serem tocadas pelo colega, relação que se estabeleceu com muito respeito.



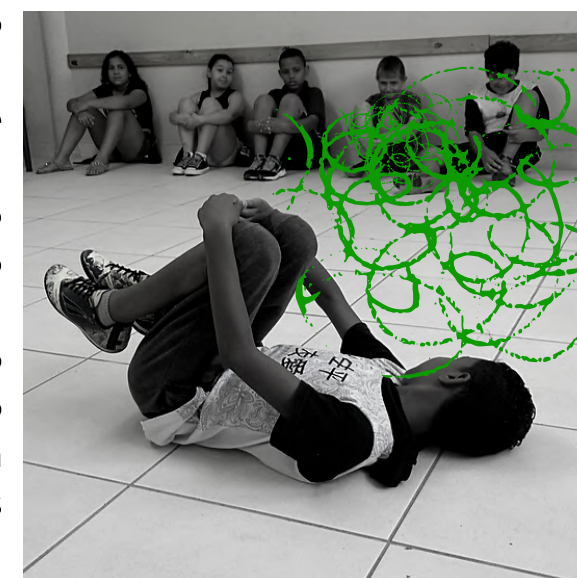
Fotos: frames da videodança **Aventura n.8** (acima), **Aventura n.6** (abaixo) e **Aventura n.9** (à direita)

Nó no corpo nó na cabeça

Desse nó no corpo, incluí a brincadeira de dar um nó em como se vê a dança. Imagina se o chão da sala de arte fosse a parede e a parede o chão...

Todas as crianças em pé, com braços estendidos ao longo do corpo, pernas levemente abertas, pés apoiados em paralelo, encostados na parede (com as costas e toda porção posterior do corpo). Uma criança está deitada no chão, com o corpo na mesma organização das que estão em pé.

O jogo consiste nesta pessoa do centro se colocar em alguma pose e as que estão em pé encostadas na parede tentarem reproduzir, pensando em como o apoio horizontal do chão pode ser transportado para a verticalidade da parede, como o cérebro processa o que vê e o corpo reconfigura e como a força da gravidade atua nestas posições. Deu um nó.



Fotos: jogo supracitado, de olhar a dança, que chamei de Chão é Parede

corpo e câmera - ida e volta

Assistir, editar, criar roteiros de montagem

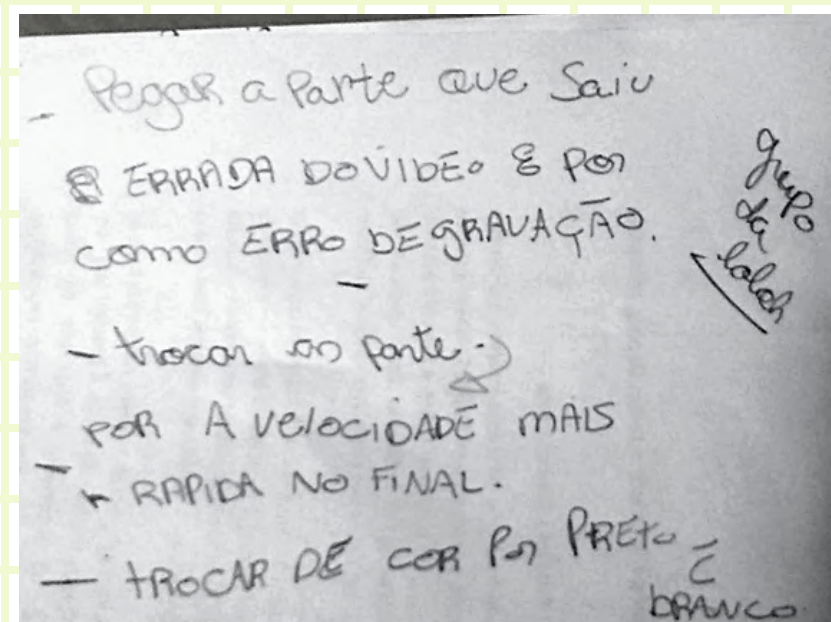
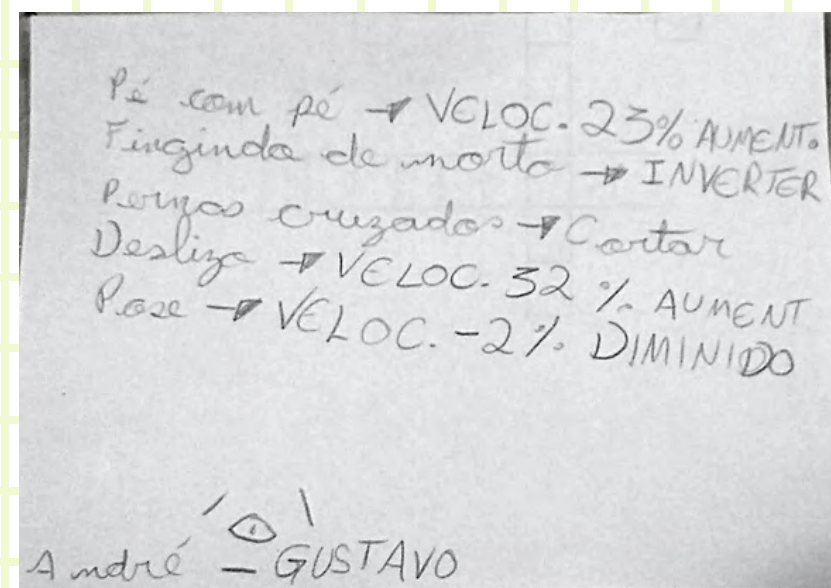
O próximo passo foi assistir os vídeos criados, ainda sem edição, os vídeos originais. Assistimos, na sala de vídeo, e apresentei alguns elementos de montagem:

- corte
- repetição de planos
- alteração de velocidade
- inversão do vídeo

Para isso, abri um programa de edição no computador que projetava as imagens e juntos experimentamos estes elementos nos vídeos que eles criaram. Alguns alunos falaram um pouco sobre aplicativos de edição de vídeo no celular.

Comparamos o original e o editado, falamos das percepções, sensações que gerava o vídeo novo. Na possibilidade de girar a câmera e rotacionar as imagens, foi experimentada uma possível subversão da gravidade.

Propus que eles criassem roteiros de edição, descrevendo momentos do vídeo e a ação que deveria ser realizada. Chamou minha atenção a precisão do roteiro de um dos alunos, que me orientava a “aumentar a velocidade em 32%”.



Fotos: roteiros de edição produzidos pelos alunos

Montagem ao vivo

Outro dia, fizemos o caminho **inverso**. Os grupos deveriam realizar a dança que foi filmada e um dos alunos assumiu o lugar do **editor**.

Exploramos como as mesmas ações de montagem poderiam ser realizadas corporalmente: alteração de velocidade - acelerar e desacelerar; inverter a sequência; e repetir. Quando o editor indicasse o corte, indicaria para que parte da sequência coreográfica os alunos deveriam ir. Os grupos apresentaram algumas de suas experimentações e eu participei com um aluno, sendo a editora no primeiro momento e sendo conduzida por ele, posteriormente. Os alunos perceberam que algumas coisas são impossíveis de fazer ao vivo, muito difíceis ou cansativas. Mas que davam novas ideias.

Na conversa que realizamos, ao fim, perguntei o que o editor fazia em relação aos outros, e alguns alunos disseram:

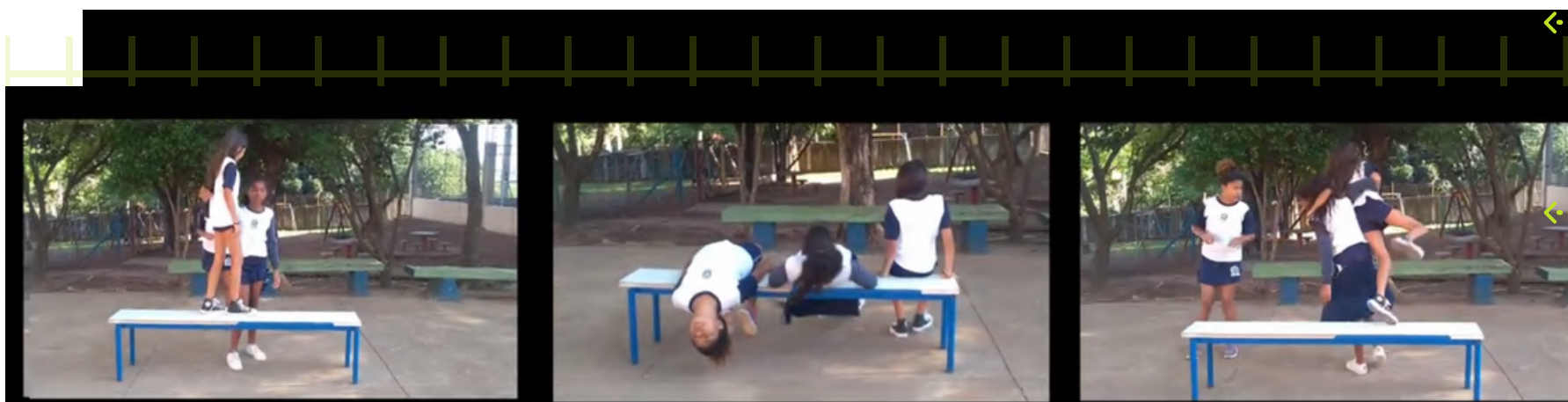
“Ele (o editor) explora os outros”,

“Você estava fazendo ele de bobo”, quando alguém usou muitas vezes o comando da repetição

“Você é a empregada dele”, quando eu fui conduzida por um aluno que me fez soltar o cabelo e prender muitas vezes.

Uma das alunas disse que de tanto que repete parece que quer passar a impressão da pessoa **fazer algo até ficar muito cansada**.

Um aluno fez o outro tirar o agasalho muito lentamente, e a impressão tida foi a de que **“ele está com preguiça, vai ficar na escola o dia inteiro”**.



Fotos: frames da videodança **Aventura n.10**

Retornamos ao conto

Distribuí trechos aleatoriamente pelas mesas da sala de música. As crianças passaram por eles, retomaram o livro, livremente. Escolheram trechos com os quais se identificaram

A proposta foi reler este trecho, selecionar frases ou um parágrafo que sugerissem movimentos, inspirassem a produzir danças ou que eles pudessem imaginar cenas quando faziam a leitura. Fizemos isso no quiosque da escola. Perguntas iniciais:

Qual o cenário deste momento?

Marcovaldo está participando da cena ou está observando?

Como contar o que está acontecendo?

Esta proposta revelou a singularidade de cada um dos processos criativos que estavam acontecendo. Cada grupo tinha assuntos diferentes, níveis de autonomia diferente, formas de trabalhar coletivamente diferentes. Fui de laboratórios bem livres e fluidos a outros que precisei conduzir quase que passo por passo. Fruí de todos.

Um dos trechos era o seguinte:

Marcovaldo tornou a olhar a lua, depois foi observar um semáforo que ficava um pouco mais adiante. Brilhava amarelo, amarelo, amarelo, continuando a acender e reacender (...) piscava os olhos e via dezenas de semáforos; voltava a abri-los, tudo recomeçava. (CALVINO, 2007, p.13-14)

Esta dupla me apresentou as seguintes imagens: uma folha de árvore **amarela** se aproxima e se distancia da câmera algumas vezes, Corte. Um menino, a partir da ideia do **semáforo piscando**, fazia movimentos rápidos e de curta duração de pulsar, quase como um soluço, no peito, que reverberava em outras partes do corpo. Corte. Três planos curtos que mostravam coisas amarelas presentes naquele espaço, narradas com a palavra "**amarelo**", que se repetia a cada plano. Sugerí para que eles intensificassem cada ideia. O aluno que pulsava pediu que eu colocasse efeitos de cor quando ele pulsasse, e que acelerasse o vídeo para parecer que ele fazia ainda mais rápido.



cenas de um conto





“Erguia os olhos entre as copas dos castanheiros-da-índia, onde eram mais densas e só deixavam dardejar raios amarelos na sombra transparente de seiva, e ouvia o alarido dos pássaros desafinados e invisíveis nos ramos” (CALVINO, 2007, p.11).

O grupo gravou um vídeo e achou que ficou muito ruim. Nossa conversa:

- Por que vocês não gostaram? - eu perguntei
- Eu queria mostrar a parte de procurar os pássaros, mas não sei como - disse a aluna que filmava a cena
- **Fecha os olhos e imagina como você gostaria** - eu provoquei.
- Imagino os olhares deles procurando os pássaros - ela disse.
- Como seria filmar isso? Tenta recriar isso que você imaginou, já com a câmera.

Ela então pegou o celular, se posicionou em um lugar, **depois caminhou lentamente para frente e para o lado, e voltou com a ideia, depois de imaginar e experimentar o olhar**: sugeriu que a cena começasse filmando de longe, aparecendo todos, e se aproximasse filmando cada um (em **traveling**), dando **close up** dos rostos. Depois, a câmera se direcionava para o céu, e quando retornava ao solo, todo o grupo estava deitado em um banco.

Depois disso, ficou feliz. Enquanto os colegas ensaiavam, pegou uma folha de árvore e ficou olhando-a através da câmera. Teve mais uma ideia sobre pássaros voando, que gerou esta foto.

Ao trabalhar com trechos dos contos para criação de cenas, o texto se convertia em composição entre espaço, corpo e câmera, sendo intensificado através dos processos de edição, que possibilitam subversões inesgotáveis.

o ponto errado

No segundo conto que trabalhamos, **O PONTO ERRADO**, Marcovaldo sai do cinema, coisa que adora fazer e se depara com uma neblina tão forte que o impede de ver qualquer coisa da cidade que fique a um palmo de seu nariz. Ele faz uma trajetória para casa nada comum e tem um destino digno de cinema.

Criamos então, as nossas **trajetórias**.

Marcovaldo andou bem uns quinze minutos, em passos que sentiam continuamente a necessidade de alargar-se à esquerda e à direita para dar-se conta da amplitude da calçada (se é que ainda acompanhava uma calçada) e mãos que sentiam a necessidade de tatear continuamente as paredes (se é que ainda acompanhava uma parede). (CALVINO, 2007, p. 74)

Percurso às cegas/ Percursos para o chão e para longe do chão/ Percursos pelas superfícies

Fizemos a leitura de metade do conto e saímos pela escola para a primeira proposta. Em duplas, uma pessoa ia de olhos fechados enquanto o outro criava trajetórias, colocando seu colega em contato com as superfícies, obstáculos, texturas, pessoas, barulhos. Primeiro um percurso livre, e em seguida, a pessoa de olhos fechados deveria imaginar, a partir das sensações vivenciadas: se aqui não fosse uma escola, o que poderia ser?

- **Lugares urbanos** - como cidade, shoppings, restaurante, uma festa - o que penso ser principalmente devido às percepções da audição.
- **Ambientes naturais** - floresta, praia, campo - vinham sempre de alguma relação também sonora, mas especialmente tátil estabelecida com a natureza: água, árvores, terra, vento.

Depois, nossas próximas experimentações partiram das perguntas:

Que tipo de trajetória o corpo faz do início de uma **QUEDA** até se entregar totalmente no chão?

Que tipo de trajetória **AFASTA** o corpo do chão?

Quais são os **LIMITES** do espaço em que estamos? Paredes, objetos, crianças? Propus, então, que, assim como Marcovaldo, experimentássemos a sensação de realizar trajetórias a partir do contato com os limites do espaço em que estávamos. Todos os deslocamentos deveriam ser pensados a partir do uso obrigatório das superfícies destes limites.



Fotos: frames da videodança **Aventura n.6**

Retomamos ainda o percurso às cegas. Mas com outra formulação. O percurso não seria filmado, apenas faríamos a captação de sons do ambiente, pensando em uma forma de possibilitar aos futuros espectadores a experiência da caminhada apenas como experiência sonora. Os grupos se separaram para gravar. Um grupo levou instrumentos de percussão para **criar** uma realidade sonora. Quando nos reunimos na turma toda para ouvir as gravações dos alunos, alguns se reconheceram na gravação de outros, outros reconheceram alguns lugares - a região próxima ao refeitório, a voz de alguma professora que dava aula nas proximidades. Em outros momentos, só conseguiam distinguir algum som, mas não de onde vinha...

Fotos: frames da videodança **Aventura n.9** (acima, à esquerda), **Aventura n.6** (acima, à direita), **Aventura n.8** (centro), **Aventura n.10** (abaixo, à esquerda). Ao fundo, mapa de trajetória produzido por aluno.



DEÍ

Lemos mais um trecho do texto no qual, sem perceber, Marcovaldo acaba caminhando em cima de um muro, que o leva até o aeroporto da cidade.

Imaginamos o caminho que ele fez e como foi andar por terrenos tão diferentes. Pedi que, em duplas, **criassem mapas, que indicassem formas de realizar os trajetos - andando, correndo, saltando, fazendo rolamentos. Disse que o caminho não precisava, necessariamente, ser no chão, mas podia ser em objetos, em paredes e até pessoas.** Praticamos dentro da sala de aula, mas as ideias dos lugares já vinham vindo, os alunos pediram para ir para os espaços ver se dava certo.

videodanças...

Neste ponto, voltamos para a sala de vídeo e assistimos algumas videodanças, de artistas variados. Com o andamento do projeto, as crianças já tinham percepções mais ampliadas.

Assistimos **obras nacionais e internacionais**. Algumas com grandes recursos de edição e outras que se aproximavam mais das nossas possibilidades. Algumas obras eu apresentei com o intuito de fornecer material para as próximas propostas que faria. Outras, para deleite. Uma delas, apresentei depois de, em um exercício, uma aluna propor para a turma que experimentássemos andar somente pisando nos sapatos. À medida que um dos alunos caminhava, os outros colocavam os seus sapatos à sua frente, indicando o caminho a ser percorrido.

Aproveitei este tempo e espaço para conversar sobre outros elementos que compõem a videodança.

Questionei sobre **aspectos técnicos de dança e de vídeo** que tinha em cada vídeo e em que pontos eles se aproximavam do que utilizamos. Perceberam, no que diz respeito ao vídeo, os diversos enquadramentos, os tipos de plano - mais próximos ou distante dos dançarinos. Perceberam repetição, aceleração e câmera lenta, fazendo as aproximações com os nossos trabalhos.

Algumas crianças disseram ter vontade de gravar à noite. Perguntei como poderíamos fazer, já que nossas aulas aconteciam durante o dia. Sugeriram

que eu colocasse um **filtro** preto e branco, porque assim quem assistisse ficaria em dúvida se era mesmo de dia.

Sobre os **figurinos**, coisa que deixei de dizer anteriormente, logo no início das gravações questionei que tipo de roupa poderia compor o figurino. As crianças foram unânimes em dizer "roupa normal", pois o Marcovaldo era uma "pessoa normal". Então, decidimos que eles poderiam trazer as roupas que quisessem para filmar. Mas:

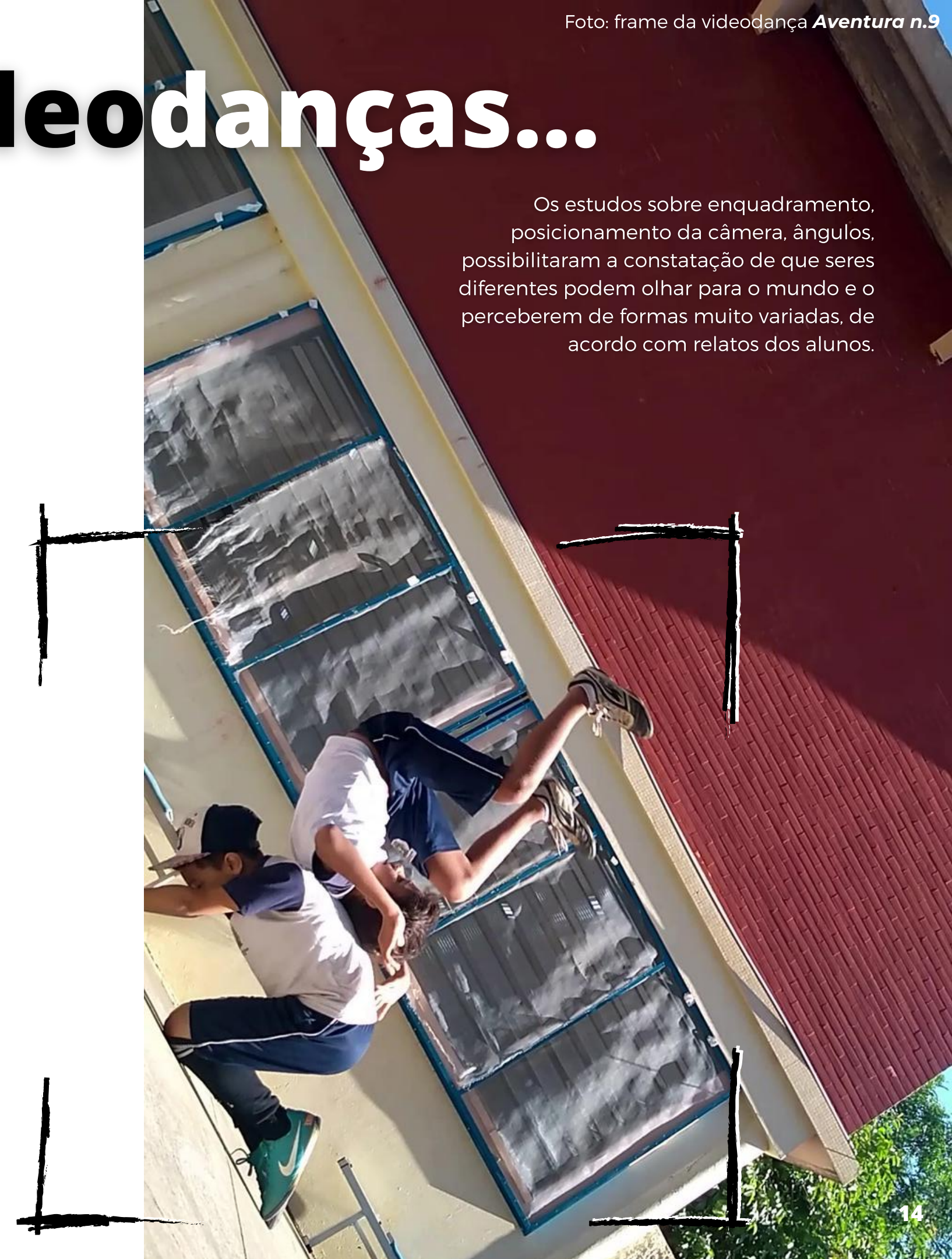
- Esqueci a minha roupa!
- Prô, minha mãe tirou da minha mochila e eu não vi.
- Prô minha mãe não deixou eu trazer.
- Dormi na casa do meu pai e lá não tinha.

Então decidimos que tudo bem termos imagens com roupa normal e outras com uniforme escolar. Até porque nossas videodanças acompanhariam a proposta de contos/ episódios/ situações diferentes da vida do Marcovaldo.

Conversamos sobre **trilha sonora**, pedi para que os alunos começassem a pensar no que gostariam que compusesse a trilha de cada um dos grupos.

As crianças então, pesquisaram nos seus celulares e no meu computador algumas músicas que gostavam e mandavam os links. Instruí que pesquisassem músicas liberadas para uso gratuito. Um aluno, que tinha um canal para postar vídeos de jogos, explicou para a turma que era importante por causa dos direitos autorais e deu dicas de sites que tinham músicas **no copyright**.

Os estudos sobre enquadramento, posicionamento da câmera, ângulos, possibilitaram a constatação de que seres diferentes podem olhar para o mundo e o perceberem de formas muito variadas, de acordo com relatos dos alunos.





Em cada cidade, existem duas cidades: a cidade dos gatos e a cidade dos humanos. Uma vive dentro da outra mas não é percebida por nós. Mas Marcovaldo, interessado em olhar frestas, brotos e fendas, conhece bem, pois frequentemente faz amizade com algum gato, segue suas caminhadas e fica sendo conhecedor destes outros lugares. É sobre isso que Calvino narra no próximo conto que estudamos:

Foto: frame da videodança *Aventura n.6*

o jardim dos gatos obstinados

Propus que as crianças investigassem nos espaços da escola se haveria algum lugar assim, que, visto com os olhos “normais” não seria percebido, mas que a câmera ajudaria a revelá-los. Eles partiram para a investigação. A câmera seria como a lupa dos detetives. Em seguida, retornaram e conversamos sobre estes lugares. Como é a cidade desvelada para o Marcovaldo? Cada grupo falou sobre as descobertas, que incluíam blocos de concreto vazados, cantos em que ninguém vai, valetas, pia de bebedouro, troncos de árvore, mesa de pedra que, por causa da iluminação, refletia o que estava em cima, pilares, telhados. Nestes lugares, dava vontade de fazer que tipo de movimentos? “Movimentos pequenos”, “movimentos lentos”, “movimentos de gatos”. Como passar por esses lugares?

Conversamos um pouco sobre movimentos localizados em alguma parte específica do corpo, micromovimentos, movimentos sutis, movimentos doidos, criaram uma canção dos gatos para a trilha - só com miados que eles produziram.

As crianças ocupavam os espaços da escola e criaram novos espaços, em contato com a natureza, com os sons, com a interferência humana sobre o ambiente natural.

Tiveram tempo para descobrir movimentos, aguçar sentidos e explorar sua criatividade. Os usos dos smartphones subverteram a ordem de massificação e de consumo guiados apenas pelo senso comum, sendo experimentados muitos outros usos, em prol de pesquisa, experimentação, criação e também em momentos de diversão coletiva.



ar puro



“ – Seria bom que estes meninos - disse o médico da Previdência Social - respirassem um pouco de ar puro, numa certa altitude, corressem pelos campos” (CALVINO, 2007, p.49)

No último conto, após a leitura, conversamos um pouco sobre os assuntos que aparecem: liberdade, aprisionamento, loucura e bem-estar. Perguntei para as crianças o que significava cada uma dessas coisas.

**Ser livre / fazer o que quiser / ser feliz /
Não poder se movimentar / Ficar com o corpo duro
O corpo não funcionar direito
Ter espaço para brincar / estar em um lugar que
você gosta**

Como fizemos esta aula na quadra, tínhamos muito mais espaço para investigarmos estas frases. Dançamos explorando toda a kinesfera, experimentamos jogos de espelho, criamos situações de aprisionamento. Saltos, giros, rolamentos para pensarmos como poderíamos dançar a liberdade, o aprisionamento, a loucura e o bem estar.

Sugeri que nosso último laboratório fosse fora da escola, para fazermos como o Marcovaldo. Saímos, Caminhamos pelas ruas do bairro e chegamos – após passarmos pela igreja, por gente e casas conhecidas dos alunos (novidades para mim, que não moro na cidade) – na **Praça dos Trabalhadores**, que fica bem próxima à escola. É uma praça que tem cerca de 2 mil m², possui área arborizada, rampa de skate, academia ao ar livre, quadra poliesportiva e a **Casa de Cultura Tainã**, ponto de cultura da região. Tem piscinas desativadas e carece de investimento público para ser potencializada enquanto espaço de convivência, apesar de ser ocupada pelas pessoas do bairro, principalmente por causa dos eventos realizados por instituições Tainã, ONGs e pelo time de futebol - Granada Futebol Clube.

Chegamos lá fazendo um **siga o mestre** para reconhecermos os espaços que poderíamos ocupar.

Conversamos na pista de skate.

Os grupos foram recriar, neste espaço, o que haviam descoberto na quadra.

Propus também uma improvisação dirigida pela pessoa que iria gravar as imagens. Ela daria orientações de posicionamento e movimentação e teria liberdade para gravar do jeito que quiser. Tínhamos cerca de uma hora e meia para a atividade. Os grupos se organizaram e escolheram os espaços: escadarias, pista de skate, academia ao ar livre, passarelas, alambrado, balanças, bancos de concreto cobertos com mosaicos de azulejos e um barranco. Neste dia, duas professoras também participaram, para que pudéssemos estar mais próximas aos alunos, já que estaríamos em um lugar aberto.

Ficou claro para mim o quanto a escola se fecha em seu próprio espaço. Embora tenhamos um espaço privilegiado, perdemos oportunidades de tornar seus limites mais porosos. Pergunto-me: qual é o lugar do conhecimento que hoje pensamos que se constrói na escola? Como estar também lá, passando por onde passam as crianças?

Saímos de lá alegres. Alguns grupos, vi depois nas imagens, se ocuparam mais em conhecer a praça, brincar, Outros grupos se concentraram nas tarefas. Outros, brincaram e gravaram. Todas as experiências foram válidas e geraram imagens interessantes.

Depois de tudo o que estudamos, criamos, gravamos, eles transferiram para o meu computador todos os vídeos, mais alguns roteiros das cenas e conversamos sobre o fato de que todo aquele material resultaria não apenas em uma videodança, mas em uma série de videodanças, que foi nomeada por eles como **“Aventuras de Marcovaldo”**.

A **montagem** dos vídeos foi realizada por mim. Tendo todos os vídeos de cada grupo, os roteiros, e as anotações que fazia nas sessões de orientação por grupo, me dediquei primeiro a assistir todos, o que me revelou algumas coisas importantes:

- 1. A clareza dos materiais produzidos pela maioria dos grupos.** Quase todos os celulares utilizados tinham a função de pausar a gravação e retornar no mesmo vídeo, o que garantia uma pré-edição. Os vídeos que eles me passaram eram apenas os que eles gostariam que estivessem incluídos na videodança, então já havia um filtro das melhores imagens.
- 2. O áudio original de cada vídeo.** Constatei que em poucos casos ele poderia ser utilizado. A não ser os da Praça dos Trabalhadores e outros momentos nos quais os grupos ocuparam espaços mais distanciados uns dos outros; havia muita informação nos áudios, fora a baixa qualidade dos microfones das câmeras. Mas estes áudios também revelavam parte do processo, pois além dos ruídos, o grupo se comunicava durante as gravações, dando instruções uns aos outros como “pode ir andando, devagar, agora você está na cena...”, “pode começar bem devagarzinho os movimentos, bem devagarzinho”, ou adequações nos posicionamentos, “filma daí” “daqui não aparecece!”.
- 3. A identidade dos grupos.** Tentei seguir o fluxo do processo criativo, e trabalhar com os elementos de montagem que havíamos estudado. A partir de um esboço, buscava as trilhas de acordo com as indicações, e via pouca necessidade de interferência. Como já os conheço há dois anos, buscando elementos que se relacionassem com as personalidades e interesses de cada grupo. No fim, julguei que teria espaço para inserir alguns outros elementos de edição, à medida que os materiais me impulsionavam para algumas direções.

videodanças em série

Apresentamos! Realizamos cinco sessões. As duas primeiras foram para os próprios realizadores. Assistimos, depois conversamos sobre as percepções, as expectativas, a minha atuação sobre o material deles.

Embora tenhamos realizado algumas coisas juntos, grande parte do material de cada grupo não era de conhecimento dos outros, então tiveram muitas reações de surpresa, ansiedade para ver a videodança do seu próprio grupo. Eles comentaram bastante sobre os elementos de montagem que estudamos, gostaram muito dos filtros de cor, e concordaram que a ideia que se revelava na videodança final.

Muitos alunos realizaram observações sobre os usos dos espaços. Entre elas, havia a constatação de que mesmo partindo de ideias iguais, cada um usou de forma diferente os espaços e os movimentos que inventaram. Ressaltaram a beleza das cenas que tem árvores.

Depois, organizei três sessões abertas na escola. Uma a noite para a comunidade, uma para outros alunos durante o horário de aula e outra, no dia da reunião de pais.

Muitas famílias se referiram à evolução das crianças que eram tímidas, que não gostavam de dançar e de se expor em fotografias, e que estavam surpresos com a descontração com que estavam nos vídeos. Comentaram que ficaram surpresos com as crianças fazerem as coisas sozinhas, usarem os celulares corretamente na escola. Disseram que os vídeos são lindos. Disseram que seus filhos são dançados.

“Era uma vez um homem chamado Marcovaldo. Ele queria muito dormir mas ele estava sem sono. Ele tenta de todas as formas se deitar no banco da praça”
Miguel Rabelo, K. L e João Prates

“Gostamos de gravar na Praça dos Trabalhadores, porque tinha mais espaço, mais natureza e liberdade. Foi interessante, criativo, nós duas criamos. A G. era a câmera, a N. a diretora e as outras, personagens. Gravar, interagir eram coisas novas além da dança. Usamos criatividade, não precisou que a professora ficasse orientando. A gente só via as regras e fazia. A gente era livre.”

Marcovaldo foi pro cinema mas acabou que se perdeu se perdeu na neblina foi isso o que aconteceu pegou o avião e pra Índia foi seguiu a luz do sol mas ele já se pôs Quando chegou lá não sabia o que fazer Seguiu a luz do sinal para não se perder foi pra praça para poder dormir mas isso não aconteceu o guarda não deixou ele sair e se perdeu foi isso que aconteceu

Rap do Marcovaldo
criação de João Victor Celestino Mendes, Mateus Horácio e Gabriel Santos



AVENTURAS DE MARCOVALDO

“- Gostei porque eu achei muito legal por causa que cada coisa que tem que fazer, o movimento com a mão, com o pé e com a cabeça. Porque eu nunca fiz e quando eu aprendi eu fiquei gostando.”

“- Gostei do monstro do Marcovaldo porque foi muito divertido, porque o A. esqueceu de parar gravar e aí eu gritei ‘pausa, animal!’ e ficou no vídeo! (no vídeo original)”



DÁ O PLAY!

“ - Bom, eu gostei bastante, me fez pensar em outras formas de dança, me fez expressar. Amei fazer o trabalho.”

“- Eu gostei porque é uma coisa diferente para nós.”

“- Então, eu gostei mais da minha (videodança), lógico. Eu gostei mais da minha porque eu consigo entender o que a gente fez.”

“- Gostei porque eu não sabia o que era videodança e eu aprendi mais. Gostei mais da que a gente fez na Praça dos Trabalhadores porque fizemos em espaço aberto em lugares que não dava pra fazer na escola.”

“- A gente gostou bastante ainda mais quando a gente fez com as meninas da outra turma, a gente conseguiu criar muitas ideias legais, achamos bem divertido as coisas, animadas e achamos interessantes... Gostamos de fazer com as meninas da outra turma, porque a gente teve mais ideias, mais animação, nos soltamos mais, e achamos que ficou muito boas as videodanças.”

“Aprendemos a gravar de ângulos diferentes, aprendemos a cortar vídeos.”

“Nós colocamos som de um vídeo em outro, mudamos de posição com a câmera.”

“A minha sala aprendeu muitas coisas, algumas coisas que eu e algumas pessoas não gostamos, mas tudo bem... eu aprendi que dança também é uma arte, eu e meus amigos aprendemos várias danças no banco, dança de prisão, dança de loucos, a gente aprendeu a trabalhar em grupo e colaborar... a edição e montagem foram feitos pela nossa professora, mas a gente escolheu coisas para colocar. Nós aprendemos a gravar de vários tipos muito legais, aprendemos a desfocar a câmera... nós aprendemos várias coisas sobre edição, eu aprendi como repetir as cenas, a deixar o vídeo em câmera lenta, mais rápido... teve muitas danças que eu aprendi com a Carol. Passos que ela me ensinou que eu uso em outros lugares...”

Os processos criativos foram sendo esculpidos com grande interdisciplinaridade, com a participação efetiva das diferentes linguagens que formam a videodança. A não hierarquização das linguagens foi acompanhada por uma não hierarquização das funções e das pessoas dentro dos grupos. O transitar entre as funções de dançarino, câmera, diretor, compositor da trilha e editor fluiu com tranquilidade decorrente do reconhecimento que cada área era tão importante quanto a outra. A fruição com as obras finais foi tão presente quanto a fruição do processo.



Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Karina Campos de. Entre-territórios: A dança como catalisadora de diferentes noções de composição. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. 2012. 241 p.
- BENCH, Harmony. Maya Deren: A prologue. The internacional Journal of screendance. Vol.3, nº1. Fall 2013, p. 6-11.
- BENHUMEA, Nayeli; LACHINO, Hayde. Videodanza - De la escena a la pantalla. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2012, 118 p.
- BURSZTYN, Gabriel; BARTHOLO, Roberto; ZREIK, Khaldoun. O smartphone nos trajetos cotidianos: refúgio, jogo e presença. Z Cultural - Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, ano 12, v.2, 2017, p. 40-46.
- CALDAS, Paulo. Poéticas do movimento: interfaces. In Caldas, Paulo et.al. Ensaios contemporâneos de videodança. Rio de Janeiro, 2012, p.239-254.
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. Marcovaldo ou As estações na cidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 144 p.
- CAMPINAS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico/ Assessoria de Currículo e Pesquisa Educacional. Quadros de Suporte Pedagógico para as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental Anos Iniciais: subsídios à prática educativa. Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, 2013, 144 p.
- CAMPINAS. Decreto no 18.242 de 24 de Janeiro de 2014. Dispõe sobre a criação do projeto piloto de escolas de educação integral (EEI) da rede pública municipal de ensino de Campinas e dá outras providências. Diário Oficial, Campinas, SP, 27 de janeiro de 2014, p.1.
- CERBINO, Beatriz; MENDONÇA, Leandro. Coreografia, corpo e vídeo: apontamentos para uma discussão. In CALDAS, Paulo et.al. Ensaios contemporâneos de videodança. Dança em foco, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2012, p. 151-166.
- COSTAS, Ana Maria Rodriguez; XAVIER, Annamaria Noêmia. Dança e a questão do corpo na escola. In: IAVELBERG, Rosa. et al. Caderno Arte + Educação. Propostas de reflexão e práticas de ensino para professores que atuam com as várias linguagens da arte na escola. São Paulo: Fundação Volkswagen e Editora Segmento, 2014, n.p.
- LABAN, Rudolph. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 148p.
- MARQUES, Isabel A. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação. Ouvirouver. v.10, n.2., jul-dez, 2014, p. 230-239.
- MENDES, Ana Carolina. Dança contemporânea e o movimento tecnologicamente contaminado. Brasília, Editora IFB, 2011, 132 p.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2012, p. 69-77.
- WALON, Sophie. Screendance sensation: multi-sensory experiences in Thierry de Mey's screendance. In: BOULÈGUE, F.; HAYES, M.C. (Eds.). Art in Motion. Current research in screendance. U.K.: Cambridge Scholar Publishing, 2015, p. 2-10.

A dissertação da pesquisa de mestrado, orientada pela professora Dra. Ana Maria Rodriguez Costas no programa de Pós Graduação em Artes da Cena na área de Teatro, Dança e Performance - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas está disponível para acesso em:

<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335>

101

INSTAGRAM: @VIDEODANCANAESCOLA

Toda minha gratidão aos meus alunos das turmas de quintos anos de 2018, por todos os aprendizados, pelas danças e pela alegria.

Ana Carolina de Araújo

Fotos: frames da videodança **Aventura n.2** (mãos) intercalados com frames da videodança **Aventura n.9** (sombras)

